LITERATURA DE CORDEL

O POETA AGRADECIDO

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

Dos seres deste planeta
de tanta diversidade,
podemos serenamente,
pela sensibilidade,
classificar o poeta:
farol da sociedade.

Desbravador incansável
dos caminhos percorridos
pelo corpo e pela mente
desde longos tempos idos,
integrando-se aos grupos
sociais já convividos.

Integra-se plenamente
também ao meio ambiente,
o que é primordial
pra todo tipo de *ente*
animal ou vegetal.
Pro humano, especialmente.

Por isso, sem vacilar,
afirmo nesse momento:
o poeta é singular!
Com a mente em movimento
ele sempre exterioriza
e *extremiza* o sentimento.

O poeta é inconformado
ante toda explicação
que lhe é oferecida
pelas regras de plantão:
sejam consuetudinárias
ou da Constituição.

As regras impositoras,
jurídicas ou morais,

são recursos que limitam,
são limites sociais.
Necessárias, sim, reputo.
Mas *prum* poeta, demais!

Ele é naturalmente
como um revolucionário.
Luta contra as convenções
que tolhem seu imaginário.
Suas armas são apenas
ideias de um libertário.

O poeta é um ser humano
semelhante aos demais.
Racionaliza emoções
diferentes, desiguais,
suando em palavras d'alma
vibrações especiais.

Mas não consegue por mais
que tente assim conviver
com a pequenez das propostas
que lhes vem submeter.
Tosca sensibilidade!
Limitam seu proceder.

Isso não impere porém
que *construa* o seu lugar,
o seu canto, o seu jardim,
a sua ilha, o seu lar.
Nesse seu universo próprio
pode afinal meditar.

O poeta é aquele médium
em constante sintonia
com as forças mais vitais.
Com elas tem empatia.

Assim agindo, consegue
manter-se em harmonia.

E por ser assim, sensível,
por cultivar a leveza,
por tentar se harmonizar
com as forças da natureza,
é por vezes rotulado
pelos outros com dureza:

reles revolucionário,
rebelde, piegas, *doidão*.
São palavras dentre outras
ouvidas à exaustão.
Mas as ignora em transe
como em outra dimensão.

O poeta vê o belo,
a beleza, o diferente,
como parte integrante
desse mundo. Ele sente:
a heterogeneidade,
o futuro, o presente.

Ele vê o equilíbrio
das formas da criação
sempre bem harmonizadas,
repletas de emoção.
Mesmo quando discordantes,
valoriza a intuição.

Essa que nunca se engana.
Ela é sensibilidade
em sua forma verdadeira.
Ela é a realidade.
Para o poeta sensível,
é a mais pura verdade.

E ante essa intuição:
a verdade verdadeira!
O poeta canta tudo
sob essa emoção primeira.
O agradável, o belo, o feio,
com uma visão faceira.

O poeta vê e canta
miríades de harmonia.
Como a vida se apresenta
para nós no dia-a-dia.
Sob cores, sob formas
pululando de energia.

Não importa a forma viva
animal ou vegetal.
Veja o caso de uma aranha
em seu fervor laboral,
construindo sua teia.
Arte e engenho animal.

O poeta agradece
por poder diariamente
manter a percepção
do coração e da mente
pras mil manifestações
da natureza fluente.

Por conseguir perceber,
por conseguir captar,
por conseguir escrever,
por conseguir expressar
sob palavras e frases
a vida em seu fervilhar.

E expressando em prosa,

expressando em poesia:
soneto, livre ou cordel,
exteriorizar folia.
Exaltar a natureza:
o equilíbrio e a harmonia.

A natureza em mil formas,
a natureza em mil cores.
É isso que o estimula,
lhe faz esquecer as dores,
lhe mostrando um Criador
sob mil formas de amores.

Das diminutas gramíneas
às sequoias gigantescas,
do pequeno e gentil krill
às jubartes bem dantescas,
do ácaro invisível
às galáxias *momescas*.

Tudo mostra a grandiosa
presença de um Criador,
pois que nada é por acaso,
pois que tudo tem sabor.
Pois que o ódio não constrói.
Isso só com muito amor.

No início foi o verbo
que no decorrer dos tempos
transformou-se em amor.
Mas por ruins sentimentos,
deixou de criar raízes
durante vários momentos.

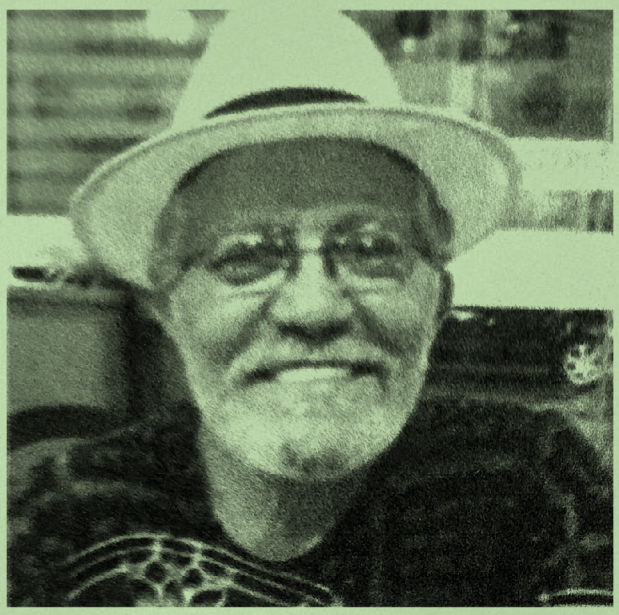
Barreiras foram erguidas
pelas civilizações
para impor ideários,

para impedir reações.
E o amor, como herança
não teve irradiações.

Sentimentos negativos,
ambições bem pessoais
e muito materialistas,
propiciaram desiguais.
Os conflitos entre humanos
são constantes e atuais.

Hoje, as divulgações
se expandem com rapidez
pelas mídias sociais,
pela melhor liquidez.
Hoje sobra ignorância.
Hoje falta lucidez.

Obrigado, Criador!
Por ceder-me consciência
pra te poder exaltar
o bom-gosto, a excelência.
Da qual sou um integrante
e da qual és a Essência!



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013